



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS
CLÁSSICAS – LIP

**A REINTERPRETAÇÃO DAS CONSTRUÇÕES
PASSIVAS SINTÉTICAS**

AUTORA: JULIANA MONTEIRO DE AMORIM

BRASÍLIA
DEZEMBRO/2011

A REINTERPRETAÇÃO DAS ESTRUTURAS PASSIVAS SINTÉTICAS

Autora: JULIANA MONTEIRO DE AMORIM

Pesquisa parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Licenciada em
LETRAS - Português.

Orientadora:

Prof: _____

Rachel do Valle Dettoni

Professora LIP/UnB

Brasília, 12 de dezembro de 2011.

SUMÁRIO

Introdução	1
Fundamentação teórica	4
Metodologia	17
Análise do <i>corpus</i>	24
Conclusão	54
Bibliografia	56

INTRODUÇÃO



“A língua lusa era-lhe um tabu sagrado que atingira à perfeição com Fr. Luís de Sousa, e daí para cá, salvo lucilações esporádicas, vinha chafurdando no ingranzéu barbaresco [...]

E não lhe objetassem que a língua é organismo vivo e que a temos a evoluir na boca do povo.

– Língua? Chama você língua à garabulha bordalenga que estampam periódicos?”

Monteiro Lobato. In: *O Colocador de pronomes.*

Em se tratando de língua, sabe-se que, em muitos casos, os preceitos gramaticais tradicionais – normativistas quanto ao “bom” uso das variedades padrão do idioma – não correspondem às reais manifestações linguísticas utilizadas por grande parte dos usuários da língua de uma determinada comunidade, no caso, a de falantes de português brasileiro. Em muitos casos ainda, não correspondem até mesmo à realidade linguística de falantes cultos e escolarizados desta comunidade. Um exemplo disso diz respeito, por exemplo, às chamadas passivas sintéticas ou passivas pronominais em português, fenômeno linguístico escolhido como objeto de estudo deste trabalho, e motivo de controvérsia entre diversos estudiosos da língua.

O escritor Monteiro Lobato, por meio de seu conto “O colocador de pronomes”, publicado em 1924, já revelava consciência de um movimento que opõe forças contrárias no que se refere ao fenômeno linguístico: a evolução da língua, promovida pela comunidade de fala, e a resistência a essa evolução, promovida pelos tradicionalistas – muitos deles afeitos a purismos, praticantes de uma “patrulha gramatical” que perdura até os dias de hoje. Por meio da figura metafórica e bastante caricata de Aldrovando Cantagalo, Lobato revela, em pleno início do século XX, uma visão de língua mais moderna que a veiculada, ainda hoje, em diversas mídias, muitas defensoras de um discurso dogmático e, muitas vezes, obscurantista, segundo o qual só pode ser chamado de “língua” tudo aquilo que consta nas gramáticas e nos dicionários.

Não seria, então, “língua” a “garbulha bordalenga” que lemos, diariamente, em cartazes, panfletos, tabuletas, anúncios como “vende-se casas”, “joga-se búzios”, “amola-se alicates”? E quanto a esta passagem do célebre autor português Camilo Castelo Branco: “Basta ver o que este bom povo é para *se avaliar as excelências* de quem assim o educou”, poderíamos dizer o mesmo?

Este trabalho objetiva destacar, por meio de análise e pesquisa, que o uso de estruturas como as exemplificadas acima, e sua aceitação pelos falantes nativos, estão mais do que consolidados na realidade atual do falante de português brasileiro, inclusive culto. Busca-se também questionar a interpretação passiva atribuída a estruturas VTD + SE + SINTAGMA NOMINAL, conforme prescrevem as gramáticas tradicionais, bem como a classificação do clítico como partícula apassivadora. Para tanto, será feito um

breve apanhado do que elucidam alguns gramáticos tradicionais, filólogos e linguistas acerca do tema.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

“Andou pelas ruas examinando dísticos e tabuletas com vícios de língua. Descoberta a “asnidade” ia ter com o proprietário, contra êle desfechando os melhores argumentos catequistas.

Foi assim com o ferreiro da esquina, em cujo portão de tenda uma tabuleta — “Ferra-se cavalos” — escoicinhava a santa gramática.[...]

“– Reformar a tabuleta? Uma tabuleta nova, com a licença paga? Está acaso rachada?

– Fisicamente, não. A racha é na sintaxe. Fogem, ali, os dizeres à sã gramaticalidade. (...)

– Digo que está a forma verbal com eiva grave. O “ferra-se” tem que cair no plural, pois que a forma é passiva e o sujeito é “cavalos”.

O ferreiro abriu o resto da boca.

– O sujeito sendo “cavalos”, continuou o mestre, a forma verbal é “ferram-se” – “ferram-se cavalos!”

– Ahn! Respondeu o ferreiro, começo agora a compreender. Diz v. s. que ...

– ... que “ferra-se cavalos” é um solecismo horrendo e o certo é “ferram-se cavalos”.

– V. S. me perdoe, mas o sujeito que ferra os cavalos sou eu, e eu não sou plural. Aquele “se” da tabuleta refere-se cá a este seu criado. É como quem diz: Serafim ferra cavalos – Ferra Serafim cavalos. Para economizar tinta e tábua abreviaram o meu nome, e ficou como está: Ferra Se (rafim) cavalos. Isto me explicou o pintor, e entendi-o muito bem.”

Monteiro Lobato. In: *O Colocador de pronomes.*

O tema das chamadas passivas sintéticas ou passivas pronominais trata-se, do ponto de vista da historiografia linguística, de um fenômeno bastante complexo e também polêmico. O estudo das construções com “se” suscita debate seja nos campos dos estudos gramaticais, seja no domínio das investigações linguísticas e, de maneira geral, demanda que se aborde(m) diversos aspectos que merecem ser levados em consideração, tais como questões concernentes ao tema das vozes verbais, às construções com o clítico “se”, à categorização de sujeito e agente, à inversão da ordem canônica, à semântica, à pragmática, sem, de maneira alguma, deixar à revelia aspectos como a interpretação e a intuição dos usuários da língua.

Este trabalho busca, ainda de que maneira genérica, abordar alguns destes aspectos, tendo como foco a revisão da literatura tradicional acerca do tema e a contribuição das correntes sociolinguísticas variacionistas na reinterpretação das chamadas passivas sintéticas.

Para que se possa(m) compreender os aspectos concernentes à questão, é importante que se esclareça o que, de fato, é prescrito nas gramáticas tradicionais (doravante GT) acerca do tema. Segundo a GT, as construções passivas sintéticas são formadas por um verbo transitivo direto (ou transitivo direto e indireto) na terceira pessoa (do singular ou do plural), mais o pronome “se” (chamado de partícula apassivadora). Já em construções formadas por verbo intransitivo e verbo transitivo indireto, o pronome “se” indicaria a indeterminação do sujeito. Por exemplo:

1.a. Mora-se bem aqui (VI + SE => “se” índice de indeterminação do sujeito)

1.b. Precisa-se de livros (VTI + SE => “se” índice de indeterminação do sujeito)

2.a. Bebem-se muitos litros de água (VTD + SE => “se” partícula apassivadora)

Em 1.a e 1.b, temos voz ativa; em 2.a, voz passiva sintética. Muitos gramáticos argumentam que, no latim, o “se” não podia funcionar como sujeito da oração e que o verbo, nessas situações, deve concordar com o sujeito da passiva, o qual, na voz ativa, seria o objeto direto. Assim, a correspondente ativa à sentença “Bebem-se muitos litros de água” seria “Bebem muitos litros de água”, com sujeito indeterminado, indicado pelo verbo na 3ª pessoa do plural, e objeto direto “muitos litros de água”. Em “Bebem-se

muitos litro de água”, temos, portanto, um sujeito paciente plural, “muitos litros de água”, que deve concordar em número com o VTD, conforme se constata de Cunha e Cintra (2008: 399), em sua *Nova Gramática do Português contemporâneo*:

Com o pronome apassivador se e uma terceira pessoa verbal, singular ou plural, em concordância com o sujeito:

Não se vê [= é vista] uma rosa neste jardim.

Não se vêem [= são vistas] rosas neste jardim

O mesmo é apontado por Evanildo Bechara (1999:563):

A língua padrão pede que o verbo concorde com o termo que a gramática aponta como sujeito:

Alugam-se casas.

Vendem-se apartamentos.

Fazem-se chaves.

Não se perdem cinco contos, como se perde um lenço de tabaco. Cinco contos levam-se com trinta mil sentidos, apalpam-se a miúda, não se lhes tiram os olhos de cima, nem as mãos, nem o pensamento, e para se perderem assim totalmente, numa praia, é necessário que... MA. 1, 151.

OBSERVAÇÃO: se o verbo estiver no infinitivo com sujeito explícito, o normal é usar o infinitivo flexionado como no exemplo acima de Machado de Assis: “e para se perderem assim...”

Todavia aqui e ali bons escritores deixam escapar exemplos com O INFINITIVO SEM FLEXÃO:

Basta ver o que este bom povo é PARA SE AVALIAR AS EXPERIÊNCIAS de quem assim o educou. CBr. 6, 53.

O curioso da observação de Bechara é que, ao mesmo tempo em que apresenta a regra gramatical tradicional, esclarece também que bons autores “deixam escapar”, “aqui e ali”, registros que vão de encontro à norma. Esses aparecimentos pontuais, como

Bechara dá a entender, têm-se se mostrado, no entanto, cada vez mais frequentes, estando muito mais para regra do que para exceção.

Já Perini (2000:271), em sua obra *Gramática Descritiva do Português*, revela uma visão mais moderna. Após listar as funções sintáticas que o pronome “se” pode exercer, observa:

há muita flutuação entre os falantes (e escritores) sobre se se deve dizer:

(23) Come-se pizzas no natal

(24) Comem-se pizzas no natal

Os gramáticos normativos aconselham (24), e muita gente os segue. Mas isso deve ser um fenômeno basicamente escolar; não creio que haja pessoas que aprendam nativamente a produzir frases como (24). Desse modo, uma gramática do português que consigne (24) como a única forma aceitável está escondendo fatos.

Em referência a outro gramático, Napoleão Mendes de Almeida (1992: 210), a voz passiva, em sua *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*, é indicada de duas maneiras: a primeira refere-se à forma analítica, com o uso dos verbos auxiliares “ser” e “estar”, mais o particípio de certos verbos ativos; em relação à segunda, aponta os seguintes aspectos:

2º Mediante o pronome se, que então se diz pronome apassivador; este caso se dá sempre que o sujeito é ente inanimado, conseguintemente incapaz de praticar a ação verbal. O verbo é passivo, e essa passividade é indicada pelo pronome se. A oração “Alugam-se casas” é idêntica à oração “Casas são alugadas”; em ambas o sujeito é casas, que, pelo fato de estar no plural, deverá levar também para o plural o verbo. Dizer “Aluga-se casas” é erro igual a dizer “Casas é alugada”.

Constituem, conseguintemente, erros inomináveis construções como: “Vende-se livros usados” – “Conserta-se relógios” – “Reforma-se chapéus”.

Napoleão, em seguida, em referência ao “se” não poder funcionar como sujeito da oração, como mencionado anteriormente, apresenta uma explicação histórica, referindo-se à sua função subjetiva como “francesismo”, em comparação ao “on” francês:

Porque o se, em português, não exerce a função de sujeito; a combinação se e a não concordância verbal nas construções passivas pessoais dariam ao se função de sujeito, como se em lugar do se estivesse escrito alguém, a gente, certa pessoa, tornando-se forçada esta análise.

(...)

Essas construções vão, antes de tudo, de encontro à tradição da língua, e, em segundo lugar, o próprio étimo (lat.se) do nosso se não o justifica, por não haver em latim a forma reta (caso nominativo, índice da função subjetiva) desse pronome.

Essas construções constituem puros francesismos; nelas o se está exercendo a função do on francês, em desobediência à tradição do português e ao étimo do nosso se.

Retomando os três exemplos citados anteriormente (1.a, 1.b e 2.a), podemos dizer que, simplificada, a diferença entre as frases está no tipo de verbo: quando este é intransitivo ou transitivo indireto, o *se* é classificado como IIS (índice de indeterminação do sujeito); quando o verbo é transitivo direto, o *se* é PA (partícula apassivadora). Neste ponto, cabem algumas perguntas relevantes, no que se refere à abordagem das chamadas “passivas sintéticas”: por que, afinal, há um tratamento diferenciado entre verbos transitivos diretos e os demais? Que argumento dá conta de explicar o fato de VTD ser determinante na classificação do clítico “se” como partícula apassivadora? “Se” não pode funcionar como sujeito? A forma sintética realmente corresponde à forma analítica?

As gramáticas tradicionais apresentam, de maneira geral, duas premissas fundamentais que norteiam os critérios utilizados nas classificações pertinentes ao tema

em questão. A primeira: em português, a partícula “se” não pode exercer função de sujeito; a segunda: inexistente sujeito preposicionado em nossa língua.

Segundo os tradicionalistas, a impossibilidade de a partícula “se” exercer função de sujeito ocorre devido à tradição latina, pois, em latim, como se depreende de Napoleão Mendes de Almeida, esse pronome só ocorria no caso acusativo (próprio à função de objeto). Por esse motivo, em frases como “Alugam-se apartamentos”, vale, portanto, a primeira premissa: “apartamentos” é o sujeito paciente e o “se” é classificado como partícula apassivadora; de modo geral, a sentença equivale a “apartamentos são alugados”. No entanto, quando passamos ao estudo do sujeito indeterminado, nas mesmas gramáticas tradicionais, o pronome “se” passa a marcar um sujeito que não se especifica na frase, como em “Vive-se bem aqui”, revelando incoerência com o preceito destacado acima. Já em frases como “Precisa-se de empregados”, vale a segunda premissa, a de que não existe sujeito preposicionado em português, o que justifica o “se” ser classificado como índice de indeterminação do sujeito.

De maneira sintética, o que se observa é uma grande arbitrariedade no estabelecimento dos critérios gramaticais, que ora servem a uma classificação, ora não servem a outra, revelando assim incoerência no estabelecimento dos critérios de análise e inconsistência teórica. Marcos Bagno (2001) reitera isso em seu livro *Português ou Brasileiro? Um convite à pesquisa*, referindo-se ao quão contraditória é essa classificação. Nas construções em que o “se” é “índice de indeterminação do sujeito”, o critério utilizado pelos gramáticos prescritivistas é o semântico, sendo o “se” interpretado como referente a alguém que não se quer especificar; já no caso em que o “se” é tido como “partícula apassivadora”, o critério utilizado é o sintático, baseado, sobretudo, na história das línguas e no fato de que o latim não admitiria a partícula “se” como sujeito da oração.

Bagno destaca que, se o critério semântico fosse utilizado também para as construções com verbos transitivos diretos, a conclusão a que se chegaria é que, em todas as orações desse tipo, os verbos exigem um sujeito com traço semântico [+ humano] e, por extensão, um objeto direto. Para o autor, é exatamente isso que leva os falantes a interpretar o “se” como o referente do sujeito que não se quer identificar (ou

seja, como índice de indeterminação do sujeito) e, por isso, a manter o verbo sempre no singular.

Maria Marta Pereira Scherre (2005), em seu livro *Doa-se Lindos Filhotes de Poodle: variação linguística, mídia e preconceito*, também aborda a questão, valendo-se das palavras dos próprios Cunha & Cintra, ao se referir à transitividade do verbo como algo a se avaliar no contexto, de acordo com seus complementos:

Nas palavras de Cunha & Cintra (1985: 134), a tradição gramatical brasileira registra que “a análise da transitividade verbal é feita de acordo com o texto e não isoladamente. O mesmo verbo pode estar empregado ora intransitivamente, ora transitivamente; ora com objeto direto; ora com objeto indireto”.

Via raciocínio lógico, o verbo jogar, em jogam-se búzios, só pode ser classificado como transitivo direto por causa da presença do sintagma nominal búzios nesta estrutura, assim como seria classificado como intransitivo em joga-se muito nesta terra. Como um mesmo sintagma nominal em uma oração simples não pode ser ao mesmo tempo sujeito e objeto, e como não há outro sintagma nominal expresso neste tipo de oração, resta ao pronome se o papel de “índice de indeterminação do sujeito” (2005).

Assim sendo, em uma construção como “Veem-se filmes”, o verbo é classificado como VTD, o que nos leva a concluir que há, na oração, um objeto direto, o qual não pode ser outro senão “filmes”.

No que se refere à defesa do pronome “se” indicativo da presença de indeterminação do sujeito, são relevantes os dizeres de Maximino Maciel, que, já em 1914, registrava em sua *Grammatica Descriptiva*:

Ao publicarmos as edições anteriores, já tínhamos sentido necessidade de admitir o se como sujeito, pois, tendo a lingua a sua individualidade syntactica, não importa que o se provenha de sui, sibi, se que não possue nominativo, adaptado à função de sujeito.

Si assim fosse, então jámais poderiam servir de sujeitos as palavras que se derivam directamente do accusativo, ex.: homem, nuvem, ordem, alguém, e todos os pluraes em que o s representa o expoente do accusativo.

Não o admittindo como sujeito, seremos obrigados a recorrer a subterfúgios para explicarmos muitas phrases, taes como: vive-se, vae-se, precisa-se de, trata-se de etc. Alguns professores, sem minimo fundamento, reputam erroneas taes construcções, como si a grammatica não fosse o registro dos factos da lingua.

Além disso, todas as linguas têm um pronome monosyllabico de função subjectiva para exprimir o sujeito indeterminado. Assim é que no Francez existe o pronome on, no Inglez one, no Allemão man.

Como, pois, nos queremos obstinar em não darmos se por sujeito nos casos de que tratamos acima? O pronome se, symbolo da indeterminação, impessoaliza o verbo e ideologicamente equivale a o povo, alguém, um individuo etc.(pág. 304)

Como se pode perceber, a atualidade da observação de Maximino, em uma época de exaltação às origens latinas da língua, é até espantosa. Nesse ponto, converge com outro autor, Said Ali, um dos maiores filólogos e sintaxistas de nossa língua.

Said Ali, em seu livro *Dificuldades da Língua Portuguesa* (1957), trata da partícula “se” de maneira bastante diferenciada e, tal como a de Maximino, sua abordagem se mostra, ainda hoje, bastante atual. O filólogo defende a análise dessas construções como frases com agente indeterminado e nega o caráter passivo a verbos construídos com “se”. Para demonstrar isso, o autor sugere a seguinte situação, utilizando a forma a reflexiva e a passiva:

Coloque-se na frente de um prédio um escrito com a primeira das frases [aluga-se esta casa], na frente de outro ponha-se o escrito contendo os dizeres esta casa é alugada. Os pretendentes sem dúvida encaminham-se unicamente para uma das casas, convencidos de que a outra já está tomada. O anúncio desta parecerá supérfluo, interessando apenas aos supostos moradores, que talvez queiram significar não serem eles os proprietários. Se

o dono do prédio completar, no sentido hipergramatical, a sua tabuleta dêste modo: esta casa é alugada por alguém, não se perceberá a necessidade da declaração e os transeuntes desconfiarão da sanidade mental de quem tal escrito expõe ao público. (p. 103)

No que se refere à correspondência entre as formas sintética e analítica (*Aluga-se casa* e *Casa é alugada*), a que Napoleão Mendes de Almeida também se refere, Said Ali chama à atenção a falácia em que se constitui esse preceito normativista, já que, semanticamente, elas não são perfeitamente permutáveis. Como ele mesmo diz, “substituir não é analisar”.

O filólogo também defende que, por trás de toda ação humana, subsiste psicologicamente um ente humano, mesmo que desconhecido, argumentando que “ações praticadas por seres humanos não podiam ser enunciadas pela linguagem sem a indicação do agente”. Assim, o recurso linguístico utilizado, quando não se conhecia o agente humano ou quando não era conveniente mencioná-lo, era a personalização do substantivo comum, fazendo-o praticar a ação sobre si mesmo. Nas palavras do próprio Said Ali:

Ações praticadas por seres humanos não podiam ser enunciadas pela linguagem sem a indicação do agente. Quando, porém, o agente humano era desconhecido ou não convinha mencioná-lo, a linguagem servia-se deste expediente: personalizava o objeto se era ente inanimado, e fingia-o a praticar a ação sobre si mesmo. Certa mercadoria, por exemplo, devia ser vendida, ignorando-se o vendedor; dizia-se simplesmente: tal mercadoria vende-se a si própria.

Pouco a pouco, porém, a mera forma reflexa em casos deste gênero começou a sugerir a idéia de um agente humano indeterminado. Não foi preciso alterar profundamente o enunciado; mas o substantivo, que até então figurava na categoria de sujeito, teve de abandonar este posto e passar para o lugar de objeto, que já agora lhe era designado. O pensamento não comportava dois agentes; a ação de vender não podia ser praticada por certa pessoa e, ao mesmo tempo, pela própria coisa. (p. 96)

Em outras palavras, o recurso de indeterminação do agente semântico constituía um recurso de personificação do ente inanimado, em que a ação recai *reflexivamente* sobre este: dizia-se, por exemplo, quando não se desejava mencionar o agente, que “tal coisa vendia-se a si mesma”. Paulatinamente, a forma reflexiva passou a sugerir um agente humano indeterminado e, “como o pensamento não comportava dois agentes”, o substantivo (ou seja, o ente inanimado), que funcionava como sujeito sintático, passou a figurar como objeto.

Angelina Aparecida de Pina, da UFRJ, em seu texto “A atualidade de Manuel Said Ali: a sintaxe do pronome *se* e a cognição”, busca ratificar a atualidade das investigações do filólogo, estabelecendo uma interface com ideias cognitivistas, presentes na *Gramática das Construções*, de Adele Goldberg. No que se refere à explanação supracitada, a autora esclarece:

A forma com se indeterminador (“aluga-se casas”) herdou da forma reflexiva prototípica (“alugam-se casas”) apenas as especificações sintáticas (verbo na terceira pessoa, seguido de pronome se, seguido de substantivo), mas não a necessidade de concordância, posto que o que era sujeito tornou-se objeto.

“Alugam-se casas”, seria, portanto, nos dizeres de Angelina Pina, uma “forma prototípica” de indeterminação do sujeito, reflexiva e não passiva, da qual não se herdou a necessidade de concordância, pois o objeto assumiu o lugar do sujeito, argumento que vai ao encontro do elucidado por Scherre.

Quanto ao fato de a partícula “se” estar exercendo a função do “on” francês, como se refere Napoleão Mendes de Almeida: “em desobediência à tradição do português e ao étimo do nosso *se*”, Said Ali argumenta que atribuir caso nominativo a pronomes oblíquos é comum nas línguas românicas. Isso ocorre no francês, no italiano e em outras; assim sendo, dizer que tais construções são um “francesismo” seria impróprio, pois isso seria atestar contra os fatos da língua, os quais se verificam nos mais variados contextos e são utilizados espontaneamente por usuários que sequer tiveram qualquer contato com a língua francesa. Em suas palavras:

Nossos pintores de taboetas e letreiros não se recrutam de entre os conhecedores do idioma de ZOLA e DAUDET; alguns deles – fato muito curioso, mas não menos provado – ainda soletram com esforço as próprias palavras da língua nacional. (pág. 100)

Ali também se refere às diferenças semânticas provocadas pela mudança da ordem das palavras e reitera a ocupação da posição sintática pelo objeto:

Algumas vêzes basta trocar a ordem das palavras para alterar o sentido, como em estraga-se a roupa e a roupa estraga-se. E vai-se mais longe. Como se tem em mente o conceito de alguém como agente, como sujeito psicológico, não se põe dúvida em dar ao substantivo características próprias de objeto e se usa o pronome se até com verbos intransitivos:

1 Um paço onde se serve a Deus he um deserto edificado (Vieira, Sem.5,538) (pág. 179)

Nesse sentido, são válidas também as palavras de Rosane Reis de Oliveira, da UFRJ, em seu ensaio “Novos caminhos para o ensino da gramática”:

No domínio das línguas indo-europeias, a voz passiva estabeleceu-se na forma reflexivo-pronominal, trazendo para as línguas românicas uma confusão mental entre as duas interpretações possíveis retiradas de frases na forma medial reflexiva, cuja indistinção mórfica confunde-se na oposição semântica com a forma passiva. Daí, em português, haver problemas de identificação de reflexividade ou passividade em frases como “Abre-se a porta”, “Quebrou-se o tinteiro” e “Ouviram-se pessoas”, como aponta Mattoso (1981, p.231). A dupla interpretação que nos aponta o autor é marcada pela partícula pronominal, uma forma de fazer a distinção mórfica das frases passivas.

Outra hipótese para a não ocorrência de concordância nessas estruturas aponta para uma perspectiva mais ampla, de que a inversão da ordem canônica sujeito-verbo faz que este seja interpretado como impessoal, como se depreende de Scherre (2005) e Bagno (2001, 2007).

Maria Marta Pereira Scherre, por exemplo, em seu livro *Doa-se lindos filhotes de poodle* (2005:21), argumenta que “a ruptura da ordem direta (da ordem considerada canônica) pode provocar ausência de concordância de número plural entre os constituintes envolvidos em processos de concordância nominal (artigo + substantivo + adjetivo) ou verbal (sujeito + verbo)”. A autora, para ilustrar esse fenômeno, vale-se de exemplos extraídos de situações linguísticas comuns, em modalidade escrita com algum grau de monitoramento. Eis alguns dos exemplos destacados pela autora:

“5) ...[...] Será levado *em conta* a renda de até 2 (dois) salários mínimos, o estado crítico em que se encontra a moradia, o número de familiares [...] 9)... Foi comentado *notícias sobre o Conselho Universitário* [...]”
10) ... Não cancelamos este carnet e após o vencimento será cobrado *juros e taxas* [...]” (pág. 25)

Podemos perceber, nas três sentenças, a ausência de marcas formais explícitas de concordância de número (e também de gênero). A autora, valendo-se das normas gramaticais consagradas pela tradição, cita Evanildo Bechara, no que se refere às regras formais de concordância verbal:

“Segundo Bechara (1973: 303), ‘se o sujeito for composto, o verbo irá, normalmente, para o plural, qualquer que seja a sua posição em relação ao sujeito’. Todavia, também segundo Bechara (1973: 303), ‘pode dar-se a concordância com o número mais próximo, principalmente se o sujeito vem depois do verbo’. Poderia ser este o caso. Mas, se assim o fosse, o *particípio passivo* levado *deveria assumir a forma levada, pelo fato de o núcleo mais próximo ser renda, um substantivo feminino singular* [...]” (pág. 25)

Scherre destaca ainda que, além de tais ocorrências serem pouco sujeitas a avaliação social negativa, a nova ordem pode fortalecer novas relações sintagmáticas, em que a concordância não necessariamente entra em jogo. Nesse sentido, podemos dizer que o falante não realiza a concordância de número em estruturas V + SE por considerá-la uma forma fixa, cristalizada, cuja inversão da ordem revela, segundo

Bagno, “numa análise sintática intuitiva, [que] o falante brasileiro interpreta tudo o que vem depois do verbo como objeto direto” (2007:109). Assim, não se costuma utilizar a forma plural do verbo nestes casos, pois o falante não reconhece estrutura passiva em formas não perifrásticas. Eis o motivo por que Bagno se refere ao fenômeno com a denominação de “pseudopassivas sintéticas”, argumentando que a estrutura passiva, em forma sintética, revela-se uma falsa passiva. Assim, o que o autor defende é que o falante só reconhece, de fato, como passivas as estruturas analíticas, cujas formas são necessariamente perifrásticas.

Assim sendo, reiterando todo o exposto, o que Napoleão Mendes de Almeida rejeita como francesismo, bem como o que os gramáticos normativo-prescritivistas rejeitam como “erro”, é um fato da língua. Retomando a perspectiva clássica, e analisando-se o exposto como um todo, um questionamento merece ser feito: por que motivo, afinal, a transitividade do verbo deveria determinar se o sujeito é passivo ou indeterminado se, em ambos os tipos de construção, está envolvido um sujeito psicológico humano que não se menciona? Não tem qualquer justificativa linguística a valorização dos estudos tradicionais pelo uso da passiva sintética, em detrimento do sujeito indeterminado em frases como “Consertam-se relógios”, por exemplo, pois a explicação dada pelos puristas é baseada essencialmente na tradição gramatical greco-latina e não condiz com os princípios de análise linguística contemporâneos.

A tendência popular a impessoalizar o sujeito nessa voz decorre da sua natureza semântica, em que o agente ou é desconhecido, ou não se quer retratar. Assim, ambas as estruturas são estratégias linguísticas e estilísticas de supressão do elemento com função de sujeito/agente.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada nesta pesquisa consiste da análise de um *corpus* coletado a partir da aplicação de um teste de percepção. Utilizou-se como canal de divulgação do teste um portal de pesquisa *online*, em que os voluntários deveriam ler uma série de frases e, objetivamente, selecionar a opção que melhor correspondesse ao seu julgamento.

O público-alvo escolhido para compor as variáveis independentes é composto de pessoas com alto grau de escolaridade: Ensino Superior (completo e incompleto) e Especialização. As outras variáveis norteadoras desta pesquisa são faixa etária e localização geográfica. Ao se pautar nelas, tem-se como intuito investigar se seriam determinantes no aparecimento de traços [+padrão] ou [-padrão] no julgamento das sentenças. É importante destacar também que o *corpus* em questão, como não se trata de entrevistas ou dados linguísticos extraídos de situações espontâneas ou menos monitoradas, é organizado de forma a representar o polo [+urbano], [+escrito] e [+monitorado].

O teste, disponível em <http://www.pesquisalinguistica.questionpro.com>, é composto de 22 frases, entre as quais se percebe(m) diferentes construções, elementos distratores e contextos de uso das passivas sintéticas. Em 10 destas frases, a concordância não ocorre de acordo com a prescrição gramatical; nas outras 10, a concordância ocorre conforme a regra. As duas frases restantes são exemplos de “hipercorreção”.

O comando introdutório da pesquisa solicitava que os participantes lessem cada sentença e as classificassem como OK e NÃO OK. Caso não percebessem qualquer problema ou inadequação, a frase deveria ser marcada como OK; do contrário, em caso de a frase apresentar problemas ou provocar algum estranhamento, o participante deveria marcá-la como NÃO OK e, ao fazer isso, indicar objetivamente (sem precisar justificar) o elemento que lhe causou tal impressão. Utilizou-se também um recurso que tornava esse esclarecimento obrigatório. O participante, por exemplo, ao marcar NÃO OK, só conseguiria passar à frase seguinte se indicasse, no campo

designado, qual elemento lhe havia provocado essa impressão. O apontamento do elemento causador da interpretação da frase como NÃO OK é de extrema relevância para a pesquisa, pois o participante poderia perceber problemas referentes a aspectos outros, irrelevantes ao objeto de estudo aqui delimitado, e isso acarretaria em falhas e imprecisão na análise dos dados.

A dificuldade maior em se analisar o fenômeno, no entanto, ocorre, em primeira instância, por sua própria especificidade. Além de essas estruturas costumarem ocorrer mais frequentemente em contextos restritos, quase sempre escritos e não espontâneos (mais notoriamente em anúncios, tabuletas e cartazes) – o que dificulta a coleta de dados –, a metodologia de testes experimentais utilizada representa uma nova dificuldade. Isso ocorre porque, ao passo que se tenta traçar um diagnóstico de quais sejam o uso e a interpretação preferenciais pelos usuários da língua, bem como em que medida essas pessoas dominam as regras gramaticais referentes às estruturas passivas sintéticas, neutralizar a variável externa “monitoramento” representa a maior dificuldade deste método, principalmente em um grupo-alvo composto de pessoas escolarizadas, que têm, de alguma maneira, mais ou menos familiaridade com as normas da gramática tradicional.

Sendo assim, analisar o fenômeno em circunstâncias de espontaneidade é relativamente difícil, pois buscou-se analisar, além da realização morfossintática, o traço semântico que envolve o fenômeno. Chegou-se a pensar se seria interessante, inclusive, considerando este aspecto, coletar dados de um grupo composto por pessoas não escolarizadas, ou até mesmo jovens pré-adolescentes, em que a percepção da estrutura se daria de maneira mais intuitiva e pouco condicionada ao domínio de regras formais. Em contrapartida, poder atestar a recorrência da não realização de concordância de número nas chamadas “passivas sintéticas ou pronominais” por indivíduos escolarizados, como se propõe aqui, legítima com muito mais vigor o questionamento à existência de um “se” passivo em português brasileiro.

Outro aspecto relevante a se considerar, em diversos trabalhos e estudos que contemplam a questão, no que se refere ao aspecto da concordância verbal, é a utilização de exemplos em que, quase majoritariamente, o (suposto) sujeito paciente é simples. Estruturas VTD + SE + SUJEITO COMPOSTO são pouco frequentes nas

exemplificações do fenômeno e, do ponto de vista das regras de concordância em vigência, podem se configurar uma boa estratégia quanto à averiguação do domínio da norma pelos usuários. Parte-se do pressuposto de que estruturas como “Vende-se bolo e guaraná” (incorreta segundo a GT) ou “Vendem-se bolo e guaraná” (correta segundo a GT) podem funcionar como frases distratoras a quem reconheça como “corretas” estruturas como “Vendem-se bolos”, com sujeito simples. Seriam distratoras, pois temos, nestes casos, elementos que se apresentam individualmente no singular, mas que formam um todo composto que poderá ser levado ou não em consideração.

Outro aspecto interessante também, quanto a isso, é a especificidade tratada pela GT quanto à concordância verbal com sujeitos compostos e termos específicos. Luiz Antonio Sacconi (2006:324), por exemplo, ao se referir à concordância verbal com sujeito composto, esclarece:

1. Verbo depois de sujeito vai obrigatoriamente para o plural; verbo antes do sujeito pode concordar com o elemento mais próximo. Ex.:

*A gasolina e o álcool **sobem** hoje.*

***Sobe** (ou **Sobem**) hoje o álcool e a gasolina.*

Se, todavia, os sujeitos pospostos são de números diferentes, a concordância se fará obrigatoriamente com o elemento mais próximo. Ex.:

***Morreu** o motorista e todos os passageiros.*

***Morreram** todos os passageiros e o motorista.*

E, ao se referir a termos específicos como (por concisão, foram selecionados somente três) “nem...nem”, núcleos ligados por “ou” e “um ou outro”, por exemplo, destaca:

*4. **Um e outro, nem um nem outro, nem...nem** = verbo no singular ou no plural, indiferentemente. Ex.:*

*Veja a indiferença com que um e outro **ouve/ouvem** o discurso!*

*Os dois alunos foram avisados, mas **nem um nem outro compareceu/compareceram** à escola. (pág. 325)*

*12. Entre os sujeitos aparece a conjunção **ou** = o verbo fica no singular se há ideia de exclusão ou sinonímia. Ex.:*

Luis ou Manuel casará com Teresa.
A Fonêmica ou Fonologia estuda os fonemas de uma língua. (pág. 327)

13. **Um ou outro** faz parte do sujeito = verbo no singular. Ex.:

Um ou outro acidente acontecia neste local.
Uma ou outra pessoa comparecia às festas ali realizadas. (pág. 328)

Ora, passivas sintéticas, conforme a tradição gramatical, também são estruturas em que o verbo se apresenta anteposto ao sujeito e estas regras poderiam facilmente se aplicar também a essas estruturas. Sendo assim, tomando por referência que:

1. se os núcleos do sujeito forem de igual número, há a possibilidade de concordância com o núcleo mais próximo ou com todos os núcleos;
 2. se os núcleos do sujeito forem de números diferentes, a concordância deve ser feita com o núcleo mais próximo,
- podemos estabelecer os seguintes paralelos:

Tabela 1 – Aplicação das regras de concordância verbal quanto ao sujeito composto em sentenças passivas

- Na passiva analítica:

Núcleos de mesmo número		Núcleos de n.º diferentes	
<i>Foi convocado o técnico e o jogador*</i>	✓	<i>Foi convocado o técnico e os jogadores*</i>	✓
<i>Foram convocados o técnico e o jogador</i>	✓	<i>Foram convocados o técnico e os jogadores*</i>	(x)
<i>Foi convocado os técnicos e os jogadores</i>	(x)	<i>Foi convocado os técnicos e o jogador</i>	(x)
<i>Foram convocados os técnicos e os jogadores</i>	✓	<i>Foram convocados os técnicos e o jogador</i>	✓

- Na passiva sintética:

Núcleos de mesmo número		Núcleos de n.º diferentes	
<i>Convocou-se o técnico e o jogador*</i>	✓	<i>Convocou-se o técnico e os jogadores*</i>	✓
<i>Convocaram-se o técnico e o jogador</i>	✓	<i>Convocaram-se o técnico e os jogadores*</i>	(x)
<i>Convocou-se os técnicos e os jogadores</i>	(x)	<i>Convocou-se os técnicos e o jogador</i>	(x)
<i>Convocaram-se os técnicos e os jogadores</i>	✓	<i>Convocaram-se os técnicos e o jogador</i>	✓

Assim, por essa perspectiva, frases como “Convocaram-se o técnico e os jogadores” não estariam de acordo com a regra, apesar do sujeito composto e do verbo flexionado no plural, e frases como “Convocou-se o técnico e o jogador” e “Convocou-se o técnico e os jogadores” estariam de acordo com a regra e seriam adequadas, pois os verbos concordam com o termo mais próximo.

A mesma analogia pode ser feita para os outros casos, “nem...nem”, termos ligados por “ou” com ideia de exclusão e “um ou outro”.

1. “Nem...nem” ⇔ verbo no singular ou no plural

- Na passiva analítica:

Não *foi lido* nem este livro nem aquele. ✓

Não *foram lidos* nem este livro nem aquele. ✓

- Na passiva sintética:

Não *se leu* nem este livro nem aquele. ✓

Não *se leram* nem este livro nem aquele. ✓

2. “Ou” com ideia de exclusão ⇨ verbo no singular

- Na passiva analítica:

Lírios ou rosas *será escolhido* para o buquê da noiva. ✓

Lírios ou rosas *serão escolhidos* para o buquê da noiva (x)

- Na passiva sintética:

Escolhe-se lírios ou rosas para o buquê da noiva. ✓

Escolhem-se lírios ou rosas para o buquê da noiva. (x)

3. “Um ou outro” ⇨ verbo no singular

- Na passiva analítica:

Um ou outro incidente *foi relatado* ✓

Um ou outro incidente *foram relatados* (x)

- Na passiva sintética:

Relatou-se um ou outro incidente ✓

Relataram-se um ou outro incidente (x)

Quanto aos tipos de verbos utilizados nas sentenças-teste, além do transitivo direto, fundamental à formação das chamadas passivas sintéticas, foram utilizados, em diferentes situações, verbos transitivos indiretos. A primeira delas refere-se à composição VTI + SE + PREPOSIÇÃO + SUBSTANTIVO, com o verbo flexionado propositalmente no plural, gerando assim frases distratoras, incorretas conforme a tradição, mas especialmente plausíveis de serem analisadas como corretas. O intuito disso é verificar possíveis “hipercorreções” dos participantes – por conter VTI, o clítico é índice de indeterminação do sujeito e o sintagma é objeto indireto. A segunda situação se refere à composição de frases em situações mais simples de inversão da ordem

sujeito-verbo, a qual, como se defende neste trabalho, é um dos principais fatores condicionantes da não concordância entre verbo e sujeito plural posposto.

Utilizou-se ainda outro recurso para a composição do teste, a construção de frases longas, algumas com mais de um período ou oração. Isso foi feito em uma tentativa de que a estrutura analisada não ficasse em completa evidência.

Em síntese, o teste foi concebido de maneira a poder analisar em que medida os indivíduos – todos com alta escolaridade, em alto grau de monitoramento – dominam ou não a regra gramatical clássica referente a esse fenômeno; se é possível averiguar a interpretação preferencial; se há coerência nas respostas fornecidas pelos participantes a frases pertencentes a um mesmo grupo categorial.

COLETA E ANÁLISE DO CORPUS

Algumas considerações merecem ser feitas antes de partirmos explicitamente à divulgação e à análise dos dados. A pretensão a que nos referimos anteriormente – tentar, na medida do possível, não deixar claro ao participante qual o fenômeno estudado – revelou-se difícil de ser contemplada satisfatoriamente, pois a inevitável recorrência da forma enclítica do verbo, bastante característica pela presença do hífen, salta aos olhos do leitor. Este, então, tem condições de deduzir qual estrutura está sendo avaliada, o que intensifica seu grau de monitoramento. Isso, no entanto, não é de todo negativo, se a maioria das respostas for de encontro ao considerado correto pela tradição gramatical. Em verdade, caso esse fato se comprove, só viria ainda mais a reforçar o posicionamento defendido aqui, pois mostraria que o domínio da regra não se verifica mesmo em condições de extrema monitoração. É o que será ou não constatado a seguir.

Como já explicitado, a coleta e o agrupamento dos dados foram feitos por um recurso *online* e os gráficos e o cruzamento de critérios e análises foram gerados a partir de cotejamento, comparação e contraste, ponto-por-ponto, das respostas obtidas.

A criação das frases que compuseram o teste de percepção linguística foi orientada conforme alguns princípios organizacionais específicos, que serviam como critério de análise de forma agrupada:

- Distinção das frases em 2 grandes grupos:
 - Frases com concordância (10) X frases sem concordância (10)

- Diferentes composições de sintagma nominal:
 - Sintagmas nominais simples;
 - Sintagmas nominais compostos (com núcleos SING + SING);
 - Sintagmas nominais compostos (com núcleos PL + PL);
 - Sintagmas nominais compostos (com núcleos SING + PL);
 - Sintagmas nominais compostos (com núcleos PL + SING).

- Sintagmas nominais com traços:
 - [+ animado];
 - [- animado].

- Elementos modificadores da estrutura sintática clássica V + CLÍTICO + SN:
 - Inserção do advérbio de negação “não”, alterando sintaticamente a posição do clítico;
 - Inserção de dois-pontos (:) entre o verbo e o sintagma, estabelecendo possíveis novas relações sintáticas.

- Utilização de outras frases com inversão da ordem canônica SVO:
 - ADVÉRBIO + OBJETO INDIRETO + VTI + SUJEITO;
 - VTI + OBJETO INDIRETO + SUJEITO.

- Utilização de alguns termos específicos, em que se observam situações especiais de concordância verbal:
 - Substantivos ligados por “ou”, com ideia de exclusão;
 - Porcentagem acompanhada de partitivo;
 - Milhão + especificador;
 - Mais de + numeral;
 - Um ou outro;
 - Nem este, nem aquele.

- Utilização de frases distratoras:
 - VTI + SE + SINTAGMA NOMINAL PREPOSICIONADO.

Com base nos critérios norteadores acima, buscou-se criar variações de frases em cada característica desejada. Como o número de frases ficaria excessivo e impraticável de ser aplicado em um teste dirigido a voluntários, vários dos critérios foram superpostos em uma mesma frase, em frequência mais ou menos equilibrada nos diferentes grupos. Dessa forma, chegou-se a um número total de 22 frases, apresentadas ao participante da pesquisa na seguinte ordem:

Tabela 2 – Composição do teste de percepção linguística

1. Na universidade, espaço de pesquisa e criação do saber, discute-se inúmeras teorias, entre elas o Big Bang e a Teoria da Evolução.
2. Não fique parado! Investindo na bolsa, podem-se ganhar muitos dólares.
3. Comeu-se mais de um bombom naquele evento.
4. Promoção! Confeccionam-se: roupinhas de tricô para cachorros. Somente R\$ 20,00!
5. Aqui não se dão aulas a estrangeiros.
6. Nesta escola, contratam-se professores de balé clássico, jazz e sapateado.
7. Para estudarmos física, faz-se necessário duas abordagens: uma prática e outra teórica.
8. O rapaz não falou a verdade. Aqui não se engraxa mais de 30 sapatos por dia.
9. Diariamente esquecem-se cachorro e gato nos canis.
10. Todo ano, reúnem-se um milhão de pessoas em frente à Igreja Candelária.
11. Em algumas concessionárias do SIA, não se vende automóveis semi-novos e usados.
12. Naquela casa, respeita-se escritores portugueses e música brasileira.
13. Consultoria de texto? Ligue para 2136-5297. Revisa-se monografia e dissertações de mestrado e doutorado.
14. Quitou-se 80% das dívidas naquela empresa. Isso demonstra controle e organização de custos.
15. No exército, ambiente de rigor e disciplina, obedecem-se às normas.
16. Todos os livros do meu avô são preciosos. Tratam-se de exemplares raríssimos.
17. Não me importa suas queixas e lamentações, garoto. Vai já tomar seu banho!
18. Vende-se: pão de queijo, café e fatia de bolo. Tudo fresquinho.
19. Faltam aos políticos compromisso e seriedade na hora de colocar em prática as promessas de campanha eleitoral.
20. Convidou-se uma ou outra pessoa para o aniversário dele. Não gostava de multidão nem de grandes comemorações.
21. Na floricultura, escolhe-se lírios ou rosas para o buquê da noiva. No armarinho, fitas de cetim para seu vestido.
22. Não se leram nem este livro nem aquele para a prova.

Concluída a coleta dos dados, obtiveram-se os seguintes índices:

Tabela 3 – Estatísticas Globais de Participação

Testes de percepção	Apuração
Visualizados	204
Iniciados	107
Completados	68
Taxa de conclusão	65,42%
Abandono (após o início)	37
Erros de validação	102
Tempo médio para completar a pesquisa	16 minutos

O número de testes visualizados (204) corresponde ao número de acessos ao *link* da pesquisa. Das 204 pessoas que acessaram, somente 107 iniciaram efetivamente a pesquisa. Destas 107 pessoas, 68 responderam completamente à pesquisa e 37 responderam parte dela. Em termos percentuais, portanto, a pesquisa teve uma taxa de conclusão de 65,42%. O tempo médio destas 68 pessoas para concluir a análise das 22 frases foi de 16 minutos.

Os erros de validação ocorrem quando os participantes não respondem a itens necessários, marcados como obrigatórios. No caso, referem-se ao número total de vezes em que a opção NÃO OK foi marcada sem que se indicasse, no campo designado, o esclarecimento pedido. Esse número, como se pode observar, é particularmente elevado, considerando o número de pessoas que iniciou a pesquisa em relação ao número de pessoas que a concluiu. Isso normalmente significa que um grande número de participantes se sentiram “frustrados” com os requisitos de validação rigorosos e, muito provavelmente, esse foi o motivo maior do índice de evasão.

Isso, no entanto, já era previsto. O que não se poderia fazer, nesta pesquisa, era possibilitar ao participante o fornecimento de informações incompletas, que comprometeriam a análise precisa dos dados. A não obrigatoriedade de esclarecimento certamente elevaria o número de testes completados; no entanto, grande parte das

informações fornecidas seriam vagas e imprecisas, e o propósito de se averiguar se houve percepção ou não do fenômeno seria imensamente prejudicado.

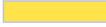
Para efeito de precisão, foram analisados, portanto, somente os 68 testes finalizados. Passemos então à análise dos dados sociais do grupo de informantes que respondeu adequadamente à pesquisa. Obtiveram-se os seguintes índices:

Tabela 4 – Análise dos dados sociais

Qual sua faixa etária?

	Resposta	Apuração	Porcentagem	20%	40%	60%	80%	100%
1.	Menos de 18 anos	0	0.00%					
2.	18-25	34	50.00%					
3.	26-35	20	29.41%					
4.	36-45	7	10.29%					
5.	46-60	6	8.82%					
6.	Mais de 60 anos	1	1.47%					
Total		68	100%					

Qual seu grau de escolaridade?

	Resposta	Apuração	Porcentagem	20%	40%	60%	80%	100%
1.	Ensino Fundamental	0	0.00%					
2.	Ensino Fundamental incompleto	0	0.00%					
3.	Ensino Médio	0	0.00%					
4.	Ensino Médio incompleto	0	0.00%					
5.	Ensino Superior	23	33.82%					
6.	Ensino Superior incompleto	25	36.76%					
7.	Especialização	20	29.41%					
Total		68	100%					

Se você reside no DF, em que região?

	Resposta	Apuração	Porcentagem	20%	40%	60%	80%	100%
1.	Não resido no DF	9	13.24%					
2.	Plano Piloto	34	50.00%					
3.	Cidade-satélite	16	23.53%					
4.	Outra região	9	13.24%					
Total		68	100%					

Como se pode observar, metade dos participantes (**50%**) corresponde à faixa etária de 18-25 e a maior parte deles (**36,76%**) tem Ensino Superior incompleto, índice que, em grande medida, corresponde à faixa etária. Os outros 50% de participantes correspondem às faixas etárias de 26-35 anos (29,41%), 36-45 anos (10,29%), 46-60 e Mais de 60 anos (ambos somam 10,29%) e, quanto à escolaridade, 33,82% correspondem ao Ensino Superior completo e 29,41% correspondem à Especialização.

A imensa maioria reside no Distrito Federal (**86,8%**) e compõe o polo [+urbano]. Os outros 13,24% que não residem no DF apontam cidades como Recife, Porto Alegre, João Pessoa, Belém, Joinville, Itajaí, São Paulo, Serra Grande. Dos que residem no DF, 63,24% correspondem ao Plano Piloto e a “outras regiões do DF”, tais como os setores Sudoeste, Octogonal, Lago Sul, Lago Norte, Águas Claras, Guará, Grande Colorado, e 23,56% correspondem aos moradores de cidades-satélites. Estes, embora de maneira branda, corresponderiam ao traço [-urbano] da pesquisa.

Buscou-se, com essas variáveis, averiguar se determinariam diferenças consideráveis entre um dado e outro, ou aspectos relevantes a se analisar. Isso, no entanto, por questões de tempo, não foi possível de ser avaliado, e uma análise comparativa entre participantes do Ensino Superior incompleto, Ensino Superior completo e Especialização poderá ainda ser feita com detalhamento adequado, cruzando-se tabulações com as variáveis faixa etária e localização geográfica (polos [+urbano]/[-urbano]).

Sendo assim, os dados foram avaliados por uma perspectiva mais ampla, tendo-se, como referência, um público claramente composto de pessoas de alta escolarização e, como parâmetros, a correspondência das respostas com a gramática tradicional, a

coerência entre critérios e sua correlação com a percepção, a intuição linguística dos sujeitos experimentais.

Tabela 5 – Análise das frases: tabelas referentes aos dados brutos × gráficos referentes aos dados atualizados

1. Na universidade, espaço de pesquisa e criação do saber, discute-se inúmeras teorias, entre elas o Big Bang e a Teoria da Evolução.

	Resposta	Apuração	Porcentagem	20%	40%	60%	80%	100%
1.	OK	44	64.71%					
2.	NÃO OK	24	35.29%					
	Total	68	100%					

De 24, 18 pessoas realmente perceberam o fenômeno (“discute-se teorias”) como NÃO OK. As outras 6 referiram-se a aspectos distintos: “criação do saber (?)”; “falta da vírgula depois de "elas", “Segunda vírgula”, “eu colocaria ‘espaço de pesquisa e criação do saber’ entre travessões”, “na universidade”, “a do Big Bang”. Sendo assim, estas 6 pessoas não identificaram problema na estrutura-objeto de estudo e perceberam, quanto ao fenômeno, a frase como OK. Isso significa que um número total de **18** pessoas avaliou a frase de forma correspondente à GT e **50** pessoas avaliaram a frase de forma não correspondente à GT. Em números percentuais, conforme gráfico abaixo, 26% das respostas correspondem à GT e 74% não correspondem.



2. Não fique parado! Investindo na bolsa, podem-se ganhar muitos dólares.

	Resposta	Apuração	Porcentagem	20%	40%	60%	80%	100%
1.	OK	15	22.06%					
2.	NÃO OK	53	77.94%					
	Total	68	100%					

De 53, 49 pessoas realmente perceberam o fenômeno (“podem-se ganhar muitos dólares”) como NÃO OK. As outras 4 referem-se a aspectos como “vírgula depois de ‘bolsa’” ou o termo “investindo”, "investindo...podem" --> erro de concordância?”. Sendo assim, estas 4 pessoas não identificaram problema na estrutura-objeto de estudo e perceberam, quanto ao fenômeno, a frase como OK. Isso significa que, no total, **19** pessoas avaliaram a frase de forma correspondente à GT e **49** avaliaram a frase de forma não correspondente à GT. Em números percentuais, conforme gráfico abaixo, 28% das respostas correspondem à GT e 72% não correspondem.

Aqui, chamam atenção algumas justificativas interessantes à marcação NÃO OK: “Uso da voz passiva na 3ª pessoa do plural onde se espera o uso da passiva impessoal”, “Acredito que o "podem-se" deveria ser "pode-se". Ele não concorda com "muitos dólares", pois deve ser impessoal”. Isso esclarece, em grande medida, como se dá a percepção do falante de PB atual diante de sentenças desse tipo.



3. Comeu-se mais de um bombom naquele evento.

	Resposta	Apuração	Porcentagem	20%	40%	60%	80%	100%
1.	OK	55	80.88%					
2.	NÃO OK	13	19.12%					
Total		68	100%					

De 13, 9 pessoas realmente perceberam o fenômeno (“comeu-se mais de um”) como NÃO OK. As outras 4 referem-se a aspectos como “se comeu”, “certo seria ‘Se comeu mais de um bombom naquele evento’”. Sendo assim, estas 4 pessoas não identificaram problema na estrutura-objeto de estudo e perceberam, quanto ao fenômeno, a frase como OK. Isso significa que, no total, 9 pessoas avaliaram a frase de forma não correspondente à GT e 59 pessoas avaliaram a frase de forma correspondente à GT. Em números percentuais, conforme gráfico abaixo, 13% das respostas não correspondem à GT e 87% correspondem.

Aqui, também outras justificativas chamam atenção: “A frase não faz sentido. quem comeu mais de um bombom?”, “quem comeu? tá estranho”, dando a entender a interpretação do SE como índice de indeterminação do sujeito.



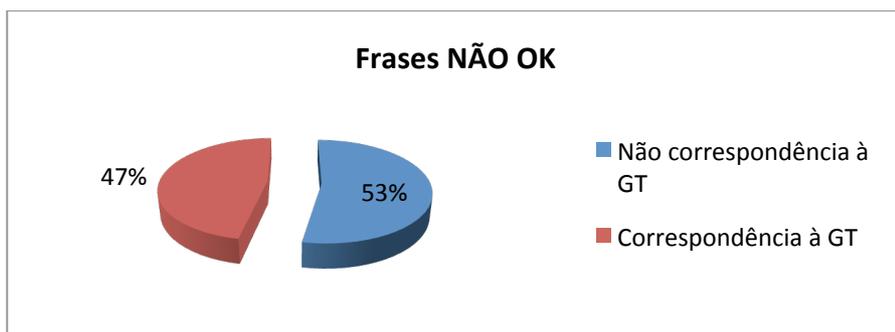
4. Promoção! Confeccionam-se: roupinhas de tricô para cachorros. Somente R\$ 20,00!

	Resposta	Apuração	Porcentagem	20%	40%	60%	80%	100%
1.	OK	25	36.76%					
2.	NÃO OK	43	63.24%					
	Total	68	100%					

De 43, 19 pessoas perceberam o fenômeno (“confeccionam-se: roupinhas”) como NÃO OK, referindo-se ao verbo plural. As outras 23 referem-se ao uso inadequado dos dois-pontos, sem alterar a concordância. Uma pessoa apontou como problema o termo “Promoção!”, o que significa que não identificou problema na estrutura-objeto de estudo e percebeu, quanto ao fenômeno, a frase como OK. Em outras palavras, essas 23 pessoas, assim como as 26 pessoas que observaram a frase como OK, pautaram-se pelo critério da concordância padrão, resultando um somatório de total de 49 pessoas que não identificaram problema na estrutura-objeto de estudo e perceberam, em relação à concordância, a frase como OK. Em contrapartida, essa opção não corresponde à resposta conforme a GT, segundo a qual o problema reside nos dois-pontos.

Isso quer dizer que, para essas 26 pessoas, o critério da concordância plural sobressaiu ao todo da frase que, ao contrário do que se pudesse esperar, é avaliada pela GT como incorreta. Ou seja, pode-se afirmar que, para essas 26 pessoas, a concordância padrão é adequada independentemente da presença de dois-pontos. Isso, no entanto, revela domínio parcial da norma. É possível, inclusive, que isso tenha ocorrido pelo fato de o nível de monitoração quanto à concordância ter sido tão alto, a ponto de se perder de vista a frase como um todo.

Portanto, das 49 pessoas que observaram como adequada a concordância plural, somente 23 foram coerentes quanto ao domínio da norma na análise da frase em questão. Isso, em termos percentuais, representa 53% de não correspondência à GT e 47% de correspondência.



Outro dado interessante é que, das 19 pessoas que perceberam o fenômeno como NÃO OK referindo-se ao verbo plural, 15 julgaram que o problema estava somente na flexão do verbo, sem mencionar os dois-pontos, de forma que a estrutura “confecciona-se: roupinhas de tricô para cachorros” estaria, então, adequada. Já as outras 4 pessoas apontaram problemas em ambas as marcações, indicando a frase “confecciona-se roupinhas de tricô para cachorros” como correta. Quanto a isso, chama atenção, inclusive, o comentário de um dos informantes: “Para mim os dois pontos não precisariam existir. Além disso, o verbo confeccionar (sic) deveria estar na terceira pessoa do singular, pois não se sabe quem confecciona as roupinhas”.

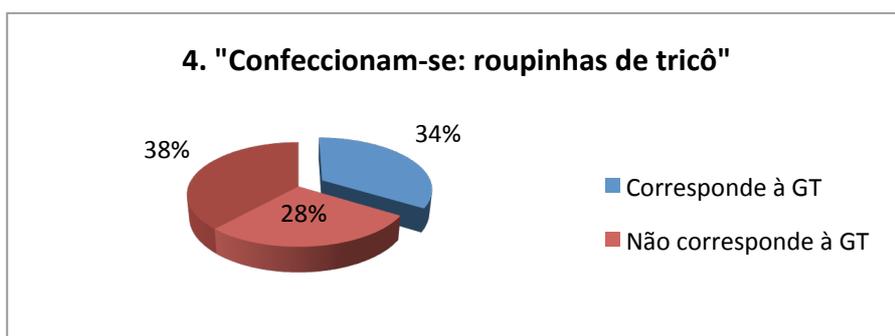
A especificidade da análise desta frase, e da frase 18, similares quanto à presença de dois-pontos, suscita análises de extrema complexidade que, embora não façam parte do objetivo maior deste trabalho, serão tangenciadas posteriormente, quando forem comparadas. Por enquanto, podemos apenas esclarecer a possibilidade de dois critérios de avaliação:

1. o primeiro se refere estritamente à concordância. Se, por exemplo, a frase “Confeccionam-se: roupinhas” for marcada como OK, embora incorreto quanto à GT, isso revela que o indivíduo, independente do sinal de pontuação, considerou a concordância plural adequada. Esse dado é de bastante relevante, pois indica que, para essas pessoas, os dois-pontos foram percebidos indiferentemente e não influíram na percepção da concordância padrão.

2. o segundo critério, como já mencionado, categoriza a frase 4 como incorreta. Essa avaliação ocorre não pelo aspecto da concordância, mas sim pela presença de dois-pontos, reconfigurando as relações sintáticas. Os dois-pontos, não adequados à situação específica, sugestionam mais de uma enumeração – o que não ocorre – e, inclusive,

considerando-se a perspectiva “confeccionam-se roupinhas ⇔ roupinhas são confeccionadas”, reveladora de um sujeito paciente, os dois-pontos estariam separando sujeito e predicado, o que não é aceitável pela tradição. Dessa forma, a frase, segundo a GT, seria categorizada como NÃO OK unicamente pela pontuação inadequada.

Sendo assim, no total, **23** pessoas avaliaram a frase de forma correspondente à GT e **45** avaliaram a frase de forma não correspondente à GT. Destas 45, 19 pessoas (28%) o fizeram por considerar a concordância não padrão adequada (“confecciona-se: roupinhas” ou “confecciona-se roupinhas”) e 26 (38%) por se valerem de um critério, embora padrão (“confeccionam-se: roupinhas” é visto como OK, independente dos dois-pontos), que não se aplica adequadamente à avaliação da frase conforme a GT. Em números percentuais, 34% das respostas correspondem à GT e 66% não correspondem, conforme gráfico abaixo:



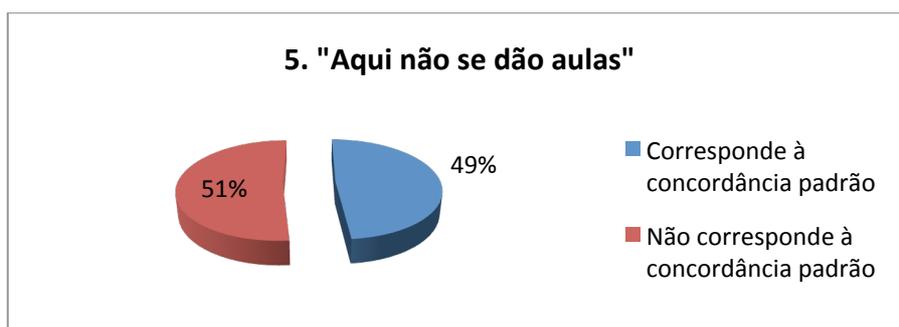
5. Aqui não se dão aulas a estrangeiros.

	Resposta	Apuração	Porcentagem	20%	40%	60%	80%	100%
1.	OK	28	41.18%	████████████████████				
2.	NÃO OK	40	58.82%	██				
Total		68	100%					

De 40, 35 pessoas realmente perceberam o fenômeno (“não se dão”) como NÃO OK. As outras 5 referem-se a aspectos como “a”, “crase no a”. Sendo assim, estas 5 pessoas não identificaram problema na estrutura-objeto de estudo e perceberam, quanto ao fenômeno, a frase como OK. Isso significa que, no total, **33** pessoas avaliaram a frase

de forma correspondente à GT e **35** avaliaram a frase de forma não correspondente à GT. Em números percentuais, conforme gráfico abaixo, 49% das respostas correspondem à GT e 51% não correspondem.

Algumas explicações nesta frase também se revelaram bastante relevantes e esclarecedoras, por exemplo, “‘se dão’ deveria ser ‘se dá’, pois não sabemos quem não ministra aulas a estrangeiros”, em que se percebe a interpretação de um sujeito indeterminado subjacente à sentença. Outro participante, marcando a opção NÃO OK, fez uma declaração bastante interessante: “Apesar de achar que está correto, eu falaria ‘aqui não se dá aulas...’”. Há ainda quem simplesmente manifeste sua impressão: “frase feia”. Esses esclarecimentos, embora esparsos, são relevantes na medida em que ratificam o estranhamento do falante de PB atual diante de frases com esse formato.



6. Nesta escola, contratam-se professores de balé clássico, jazz e sapateado.

	Resposta	Apuração	Porcentagem	20%	40%	60%	80%	100%
1.	OK	38	55.88%					
2.	NÃO OK	30	44.12%					
	Total	68	100%					

De 30, 23 pessoas realmente perceberam o fenômeno (“contratam-se”) como NÃO OK. As outras 7 referem-se a aspectos distintos: uso da vírgula, “OK mas, o “nesta escola” ficaria melhor no final da frase”. Sendo assim, estas 7 pessoas não identificaram problema na estrutura-objeto de estudo e perceberam, quanto ao fenômeno, a frase como OK. Isso significa que, no total, **45** pessoas avaliaram a frase de

forma correspondente à GT e **23** avaliaram a frase de forma não correspondente à GT. Em números percentuais, conforme gráfico abaixo, 66% das respostas correspondem à GT e 34% não correspondem.

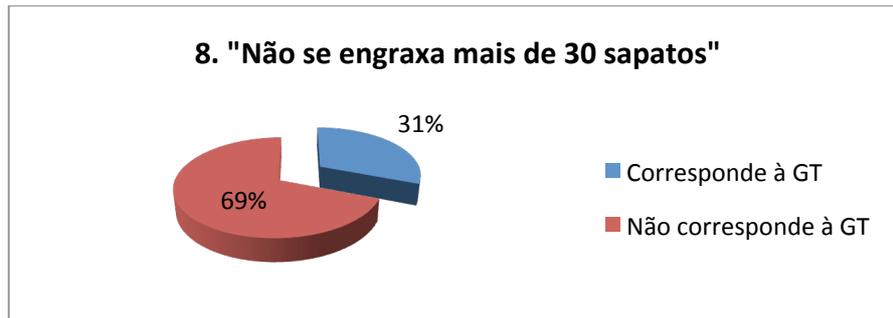
Mais uma vez se observaram justificativas interessantes: “o verbo contratar deveria estar na terceira pessoa do singular, pois não se sabe quem contrata”. “Contrata-se tem a ver com a escola e não com os professores”, revelando que a forma plural do verbo provoca uma leitura reflexiva (os professores se contratam) que soa inadequada ao participante.



7. Para estudarmos física, faz-se necessário duas abordagens: uma prática e outra teórica.

	Resposta	Apuração	Porcentagem	20%	40%	60%	80%	100%
1.	OK	52	76.47%					
2.	NÃO OK	16	23.53%					
Total		68	100%					

De 16, 14 pessoas perceberam o fenômeno (“faz-se necessário”) como NÃO OK. As outras 2 referem-se ao “uso da vírgula”. Sendo assim, estas 2 pessoas não identificaram problema na estrutura-objeto de estudo e perceberam, quanto ao fenômeno, a frase como OK. Isso significa que, no total, **14** pessoas avaliaram a frase de forma correspondente à GT e **54** avaliaram a frase de forma não correspondente à GT. Em números percentuais, conforme gráfico abaixo, 21% das respostas correspondem à GT e 79% não correspondem.

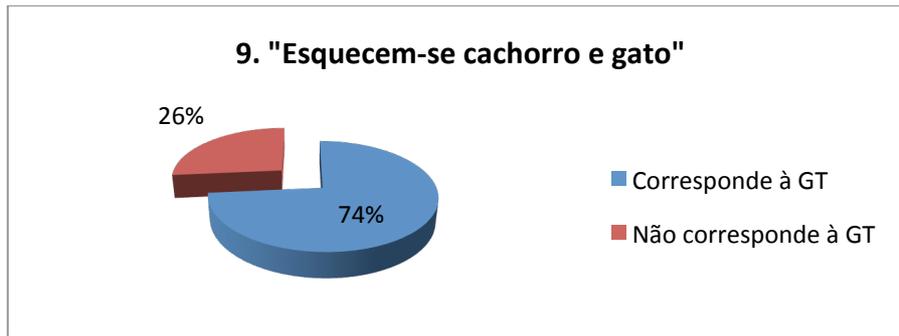


9. Diariamente esquecem-se cachorro e gato nos canis.

	Resposta	Apuração	Porcentagem	20%	40%	60%	80%	100%
1.	OK	38	55.88%					
2.	NÃO OK	30	44.12%					
	Total	68	100%					

De 30, 18 pessoas perceberam o fenômeno (“esquecem-se cachorro e gato”) como NÃO OK. As outras 12 referem-se a aspectos como “falta de vírgula”, “se esquecem” ou mesmo “cachorro e gato no singular”. Sendo assim, estas 12 pessoas não identificaram problema na estrutura-objeto de estudo e perceberam, quanto ao fenômeno, a frase como OK. Isso significa que, no total, **50** avaliaram a frase de forma correspondente à GT e **18** pessoas avaliaram a frase de forma não correspondente à GT. Em números percentuais, conforme gráfico abaixo, 74% das respostas correspondem à GT e 26% não correspondem.

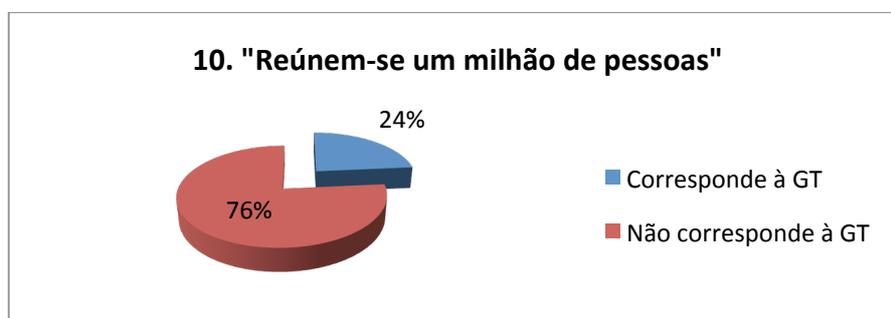
Chama atenção o fato de haver 10 indicações de que o problema na frase está no sintagma nominal, composto de substantivos no singular. Esse dado é bastante curioso, pois há o reconhecimento de que se trata de um sujeito composto – por isso não se indicou o verbo plural –, no entanto o verbo plural anteposto a nomes no singular (ainda que se perceba uma estrutura composta) provoca estranhamento, uma vez que “esquecem-se cachorros e gatos” seria aceito por essas pessoas.



10. Todo ano, reúnem-se um milhão de pessoas em frente à Igreja Candelária.

	Resposta	Apuração	Porcentagem	20%	40%	60%	80%	100%
1.	OK	46	67.65%					
2.	NÃO OK	22	32.35%					
	Total	68	100%					

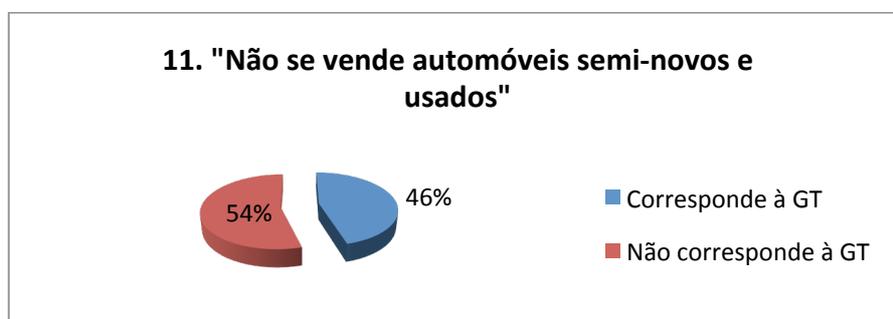
De 22, 16 pessoas perceberam o fenômeno (“reúnem-se um milhão”) como NÃO OK. As outras 6 referem-se a aspectos distintos: “não há vírgula”, “todo ano”. Sendo assim, estas 6 pessoas não identificaram problema na estrutura-objeto de estudo e perceberam, quanto ao fenômeno, a frase como OK. Isso significa que, no total, **16** pessoas avaliaram a frase de forma correspondente à GT e **52** avaliaram a frase de forma não correspondente à GT. Em números percentuais, conforme gráfico abaixo, 24% das respostas correspondem à GT e 76% não correspondem.



11. Em algumas concessionárias do SIA, não se vende automóveis seminovos e usados.

	Resposta	Apuração	Porcentagem	20%	40%	60%	80%	100%
1.	OK	30	44.12%					
2.	NÃO OK	38	55.88%					
	Total	68	100%					

De 38, 31 pessoas perceberam o fenômeno (“não se vende”) como NÃO OK. As outras 7 referem-se a aspectos distintos: “uso da vírgula”, “semi-novos e usados”, “se aplicado incorretamente - vende-se”. Sendo assim, estas 7 pessoas não identificaram problema na estrutura-objeto de estudo e perceberam, quanto ao fenômeno, a frase como OK. Isso significa que, no total, **31** pessoas avaliaram a frase de forma correspondente à GT e **37** avaliaram a frase de forma não correspondente à GT. Em números percentuais, conforme gráfico abaixo, 46% das respostas correspondem à GT e 54% não correspondem.



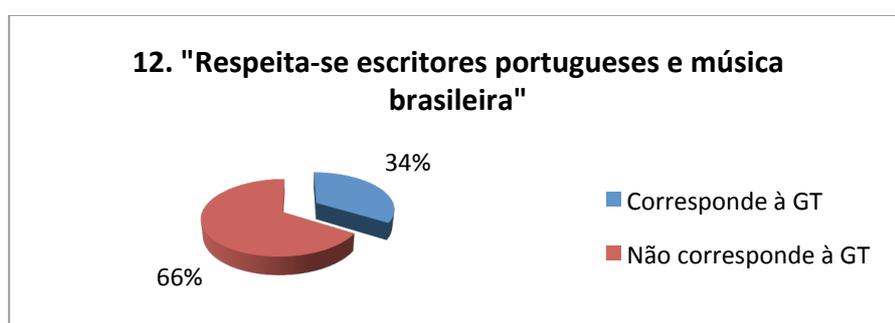
12. Naquela casa, respeita-se escritores portugueses e música brasileira.

	Resposta	Apuração	Porcentagem	20%	40%	60%	80%	100%
1.	OK	42	61.76%					
2.	NÃO OK	26	38.24%					
	Total	68	100%					

De 26, 23 pessoas perceberam o fenômeno (“respeita-se”) como NÃO OK. As outras 3 referem-se a aspectos distintos: “uso da vírgula”, “músicas brasileiras”. Sendo

assim, estas 3 pessoas não identificaram problema na estrutura-objeto de estudo e perceberam, quanto ao fenômeno, a frase como OK. Isso significa que, no total, **23** pessoas avaliaram a frase de forma correspondente à GT e **45** avaliaram a frase de forma não correspondente à GT. Em números percentuais, conforme gráfico abaixo, 34% das respostas correspondem à GT e 66% não correspondem.

Outro esclarecimento interessante em uma marcação NÃO OK: “escreveria respeitam e falaria respeita”.



13. Consultoria de texto? Ligue para 2136-5297. Revisa-se monografia e dissertações de mestrado e doutorado.

	Resposta	Apuração	Porcentagem	20%	40%	60%	80%	100%
1.	OK	45	66.18%					
2.	NÃO OK	23	33.82%					
	Total	68	100%					

De 23, 20 pessoas perceberam o fenômeno (“revisa-se”) como NÃO OK. As outras 3 referem-se a aspectos distintos: “pontuação”, “monografias”, “contradição semântica entre sujeito no singular e outro no plural” – as duas últimas, por exemplo, revelam estranhamento no fato de o primeiro elemento da enumeração estar no plural e o segundo no singular, referindo-se a isso inclusive como “contradição semântica”, mas não observam estranhamento no fato de o verbo não concordar com o elemento composto (sugeriu-se, por exemplo, que a palavra “monografia” ficasse no plural). Sendo assim, estas 3 pessoas não identificaram problema na estrutura-objeto de estudo e perceberam, quanto ao fenômeno, a frase como OK. Isso significa que, no total, **20**

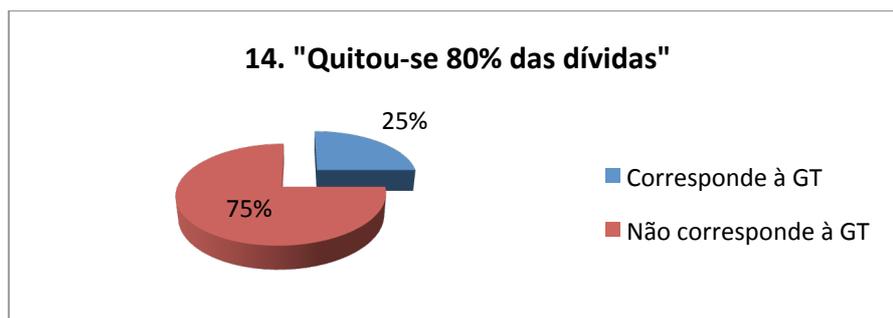
peças avaliaram a frase de forma correspondente à GT e **48** avaliaram a frase de forma não correspondente à GT. Em números percentuais, conforme gráfico abaixo, 29% das respostas correspondem à GT e 71% não correspondem.



14. Quitou-se 80% das dívidas naquela empresa. Isso demonstra controle e organização de custos.

	Resposta	Apuração	Porcentagem	20%	40%	60%	80%	100%
1.	OK	45	66.18%					
2.	NÃO OK	23	33.82%					
	Total	68	100%					

De 23, 17 pessoas perceberam o fenômeno (“quitou-se”) como NÃO OK. As outras 6 referem-se a aspectos distintos: “gastos”, “ponto no lugar da vírgula”, “naquela”, “Isso”. Sendo assim, estas 6 pessoas não identificaram problema na estrutura-objeto de estudo e perceberam, quanto ao fenômeno, a frase como OK. Isso significa que, no total, **17** pessoas avaliaram a frase de forma correspondente à GT e **51** avaliaram a frase de forma não correspondente à GT. Em números percentuais, conforme gráfico abaixo, 25% das respostas correspondem à GT e 75% não correspondem.



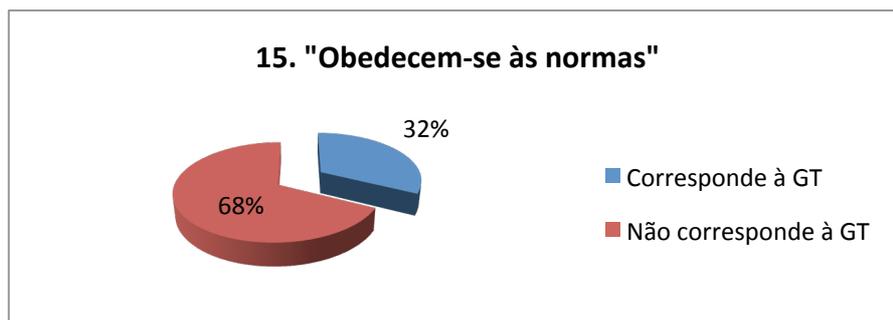
15. No exército, ambiente de rigor e disciplina, obedecem-se às normas.

Resposta	Apuração	Porcentagem	20%	40%	60%	80%	100%
1. OK	42	61.76%					
2. NÃO OK	26	38.24%					
Total	68	100%					

De 26, 22 pessoas perceberam o fenômeno (“obedecem-se”) como NÃO OK. As outras 4 referem-se a aspectos distintos: “as”, “obdecem-se (sic)”, “às não precisa de crase”, “se obedecem”. Sendo assim, estas 4 pessoas não identificaram problema na estrutura-objeto de estudo e perceberam, quanto ao fenômeno, a frase como OK. Isso significa que, no total, **22** pessoas avaliaram a frase de forma correspondente à GT e **46** avaliaram a frase de forma não correspondente à GT. Em números percentuais, conforme gráfico abaixo, 32% das respostas correspondem à GT e 68% não correspondem.

As frases 15 e 16, que apresentam verbos transitivos indiretos, foram utilizadas como distratoras, a fim de se poder mapear casos de hipercorreção e averiguar em que medida os participantes realmente dominam a regra referente às passivas sintéticas. No que se refere à observação de “às não precisa de crase”, pode-se, por exemplo, supor que a leitura feita a partir da retirada da preposição tenha sido “as regras são obedecidas”, tornando o verbo transitivo direto e, nesse sentido, a frase “obedecem-se as regras” estaria de acordo com a GT. No entanto, para a GT, o verbo obedecer rege preposição “a” e sua contrapartida analítica não seria possível, pois, dessa forma, o que se teria, nessa perspectiva, seria um sujeito preposicionado, inexistente em português.

Em todo o caso, se se desconhece a transitividade do verbo, é a preposição em estruturas V+SE que revela pistas a quem domina a regra tradicional. Neste caso, por exemplo, o participante marcou NÃO OK e, na frase seguinte, “Tratam-se de exemplares”, marcou OK, o que revela uma flutuação no domínio da regra e incoerência entre as respostas.

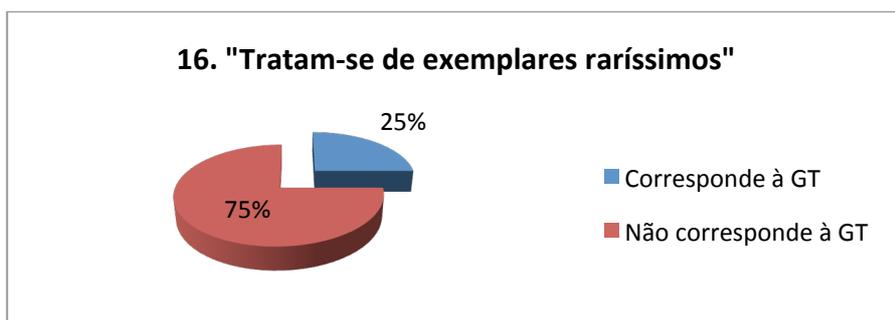


16. Todos os livros do meu avô são preciosos. Tratam-se de exemplares raríssimos.

	Resposta	Apuração	Porcentagem	20%	40%	60%	80%	100%
1.	OK	48	70.59%					
2.	NÃO OK	20	29.41%					
	Total	68	100%					

De 20, 17 pessoas perceberam o fenômeno (“tratam-se”) como NÃO OK. As outras 3 referem-se a aspectos como “vírgula em vez de ponto”. Sendo assim, estas 3 pessoas não identificaram problema na estrutura-objeto de estudo e perceberam, quanto ao fenômeno, a frase como OK. Isso significa que, no total, **17** pessoas avaliaram a frase de forma correspondente à GT e **51** avaliaram a frase de forma não correspondente à GT. Em números percentuais, conforme gráfico abaixo, 25% das respostas correspondem à GT e 75% não correspondem.

Outro exemplo que, neste caso, chama atenção é a marcação da frase como NÃO OK por um dos participantes, seguida da explicação “mesmo caso de antes”. No entanto, ao se analisar o teste individualmente, a opção marcada na frase anterior foi OK, revelando assim incoerência entre a análise das frases.



17. Não me importa suas queixas e lamentações, garoto. Vai já tomar seu banho!

	Resposta	Apuração	Porcentagem	20%	40%	60%	80%	100%
1.	OK	26	38.24%					
2.	NÃO OK	42	61.76%					
	Total	68	100%					

De 42, 32 pessoas perceberam o fenômeno (“não me importa”) como NÃO OK. As outras 10 referem-se a aspectos como “vá, em lugar de “vai”. Sendo assim, estas 10 pessoas não identificaram problema na estrutura-objeto de estudo e perceberam, quanto ao fenômeno, a frase como OK. Isso significa que, no total, **32** pessoas avaliaram a frase de forma correspondente à GT e **36** avaliaram a frase de forma não correspondente à GT. Em números percentuais, conforme gráfico abaixo, 47% das respostas correspondem à GT e 53% não correspondem.



18. Vende-se: pão de queijo, café e fatia de bolo. Tudo fresquinho.

	Resposta	Apuração	Porcentagem	20%	40%	60%	80%	100%
1.	OK	48	70.59%					
2.	NÃO OK	20	29.41%					
	Total	68	100%					

De 20, 16 pessoas perceberam o fenômeno (“vende-se”) como NÃO OK, 3 apontaram como problema a presença dos dois-pontos e 1 pessoa referiu-se ao termo “todos fresquinho”. Sendo assim, esta pessoa não identificou problema na estrutura-objeto de estudo e percebeu, quanto à estrutura, a frase como OK. Isso significa que, no total, 49 avaliaram a frase como adequada, em correspondência com a GT, segundo a qual, neste caso, o verbo no singular é adequado, pois a estrutura permite a interpretação de um sujeito indeterminado; 16 pessoas avaliaram a frase como inadequada, indicando como correto “vendem-se: pão de queijo, café e fatia de bolo” e 3 apontaram que a estrutura “vende-se pão de queijo, café e fatia de bolo”, sem os dois-pontos, estaria OK. Isso significa que, quanto à adequação da frase, **49** pessoas responderam de forma correspondente à GT e **19** responderam de forma não correspondente à GT; quanto à observação da adequação e da concordância padrão, estritamente falando, 65 pessoas responderam de forma correspondente à GT e 3 não responderam de forma correspondente à GT.

Como já explicitado na frase 4, a utilização dos dois-pontos serviu como meio de verificar se a percepção das frases viria a ser condicionada ou não por sua presença. Por razões metodológicas, e pelo critério utilizado até então, o gráfico gerado corresponderá à percepção da adequação da frase. Isso significa que, em números percentuais, 72% das respostas correspondem à GT e 28% não correspondem.

18. "Vende-se: pão de queijo, café e fatia de bolo"



Conforme a concordância padrão (independente do sinal de pontuação):

18. "Vende-se: pão de queijo, café e fatia de bolo"



19. Faltam aos políticos compromisso e seriedade na hora de colocar em prática as promessas de campanha eleitoral.

	Resposta	Apuração	Porcentagem	20%	40%	60%	80%	100%
1.	OK	46	67.65%					
2.	NÃO OK	22	32.35%					
	Total	68	100%					

De 22, 16 pessoas perceberam o fenômeno (“faltam”) como NÃO OK. As outras 6 referem-se a aspectos distintos: “faltou vírgula no começo”, “vírgula após políticos”, “colocarem”. Sendo assim, estas 6 pessoas não identificaram problema na estrutura-objeto de estudo e perceberam, quanto ao fenômeno, a frase como OK. Isso significa que, no total, **16** pessoas avaliaram a frase de forma não correspondente à GT e **52** avaliaram a frase de forma correspondente à GT. Em números percentuais, conforme gráfico abaixo, 76% das respostas correspondem à GT e 24% não correspondem.

19. "Faltam aos políticos compromisso e seriedade"

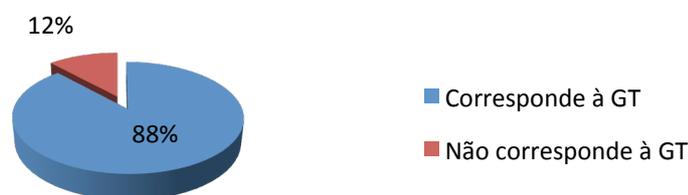


20. Convidou-se uma ou outra pessoa para o aniversário dele. Não gostava de multidão nem de grandes comemorações.

	Resposta	Apuração	Porcentagem	20%	40%	60%	80%	100%
1.	OK	57	83.82%					
2.	NÃO OK	11	16.18%					
	Total	68	100%					

De 11, 8 pessoas perceberam o fenômeno (“convidou-se”) como NÃO OK. As outras 3 referem-se a aspectos distintos: “ vírgula entre as frases”, “ a segunda frase está isolada”. Sendo assim, estas 3 pessoas não identificaram problema na estrutura-objeto de estudo e perceberam, quanto ao fenômeno, a frase como OK. Isso significa que, no total, **8** pessoas avaliaram a frase de forma não correspondente à GT e **60** avaliaram a frase de forma correspondente à GT. Em números percentuais, conforme gráfico abaixo, 12% das respostas correspondem à GT e 88% não correspondem.

20. "Convidou-se uma ou outra pessoa"



21. Na floricultura, escolhe-se lírios ou rosas para o buquê da noiva. No armarinho, fitas de cetim para seu vestido.

	Resposta	Apuração	Porcentagem	20%	40%	60%	80%	100%
1.	OK	39	57.35%					
2.	NÃO OK	29	42.65%					
	Total	68	100%					

De 29, 26 pessoas perceberam o fenômeno (“escolhe-se”) como NÃO OK. As outras 3 referem-se a aspectos distintos: “uso da vírgula”, “se escolhe”, “ponto e vírgula no lugar de ponto”. Sendo assim, estas 3 pessoas não identificaram problema na estrutura-objeto de estudo e perceberam, quanto ao fenômeno, a frase como OK. Isso significa que, no total, **26** pessoas avaliaram a frase de forma não correspondente à GT e **42** avaliaram a frase de forma correspondente à GT. Em números percentuais, conforme gráfico abaixo, 62% das respostas correspondem à GT e 38% não correspondem.



22. Não se leram nem este livro nem aquele para a prova.

	Resposta	Apuração	Porcentagem	20%	40%	60%	80%	100%
1.	OK	17	25.00%					
2.	NÃO OK	51	75.00%					
	Total	68	100%					

De 51, 49 pessoas perceberam o fenômeno (“não se leram”) como NÃO OK. As outras 2 referem-se a aspectos distintos: “deveria haver vírgula após ‘livro’”, “construção gramatical correta, mas incomum”. Sendo assim, estas 2 pessoas não

identificaram problema na estrutura-objeto de estudo e perceberam, quanto ao fenômeno, a frase como OK. Isso significa que, no total, **19** pessoas avaliaram a frase de forma correspondente à GT e **49** avaliaram a frase de forma não correspondente à GT. Em números percentuais, conforme gráfico abaixo, 28% das respostas correspondem à GT e 72% não correspondem.

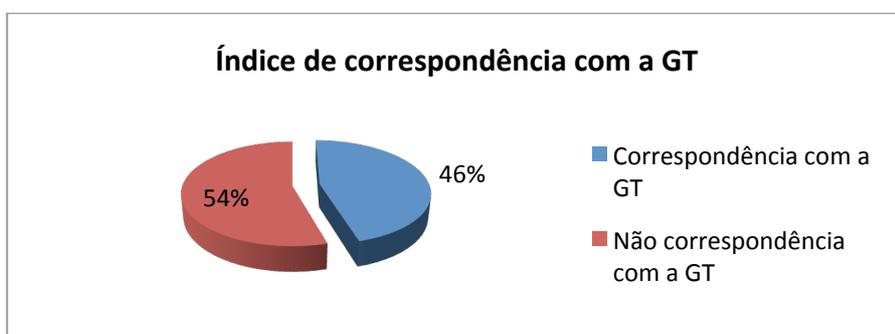


Tabela 6 – Quadro resumo

Frases	Respostas conforme a GT	Respostas dos Participantes		Correspondência GT × INTUIÇÃO
Frase 1	NÃO OK	OK: 50	NÃO OK: 18	Não corresponde
Frase 2	OK	OK: 19	NÃO OK: 49	Não corresponde
Frase 3	OK	OK: 59	NÃO OK: 9	Corresponde
Frase 4	NÃO OK	OK: 45	NÃO OK: 23	Não corresponde
Frase 5	OK	OK: 33	NÃO OK: 35	Não corresponde
Frase 6	OK	OK: 45	NÃO OK: 23	Corresponde
Frase 7	NÃO OK	OK: 54	NÃO OK: 14	Não corresponde
Frase 8	NÃO OK	OK: 47	NÃO OK: 21	Não corresponde
Frase 9	OK	OK: 50	NÃO OK: 18	Corresponde
Frase 10	NÃO OK	OK: 52	NÃO OK: 16	Não corresponde
Frase 11	NÃO OK	OK: 37	NÃO OK: 31	Não corresponde
Frase 12	NÃO OK	OK: 45	NÃO OK: 23	Não corresponde
Frase 13	NÃO OK	OK: 48	NÃO OK: 20	Não corresponde
Frase 14	NÃO OK	OK: 51	NÃO OK: 17	Não corresponde
Frase 15	NÃO OK	OK: 46	NÃO OK: 22	Não corresponde
Frase 16	NÃO OK	OK: 51	NÃO OK: 17	Não corresponde
Frase 17	NÃO OK	OK: 36	NÃO OK: 32	Não corresponde
Frase 18	OK	OK: 49	NÃO OK: 19	Corresponde
Frase 19	OK	OK: 52	NÃO OK: 16	Corresponde
Frase 20	OK	OK: 60	NÃO OK: 8	Corresponde
Frase 21	OK	OK: 42	NÃO OK: 26	Corresponde
Frase 22	OK	OK: 19	NÃO OK: 49	Não corresponde

Tabela 7– Índice geral de correspondência com a GT

Total de respostas correspondentes à GT	Total de respostas não correspondentes à GT
682	814



Na tabela 6, na coluna “Respostas dos participantes”, observamos itens destacados em negrito. Esse destaque evidencia mais claramente a opção escolhida como a mais adequada (OK ou NÃO OK) pela maioria dos participantes em cada frase. Já o destaque feito com as cores azul e vermelha indica se a opção escolhida pela maioria dos participantes corresponde ou não à resposta de acordo com a gramática tradicional. A cor azul é utilizada em situações de correspondência e a cor vermelha, em situações de não correspondência. Sucintamente:

- respostas **negritadas e destacadas em azul** indicam que a maioria das pessoas respondeu em conformidade com a GT em determinada frase;
- respostas **negritadas e destacadas em vermelho** indicam que a maioria das pessoas não respondeu em conformidade com a GT em determinada frase.

Fazendo uma análise global, podemos observar que, das **22** frases apresentadas aos 68 participantes que concluíram a pesquisa, **7** foram marcadas pela maioria conforme a gramática tradicional e **15** não o foram. Isso quer dizer que, no que se refere às questões, a maioria destas pessoas, que possuem alto grau de escolaridade, não percebeu problemas em sentenças que seriam consideradas erradas pela tradição. Quanto ao somatório da quantidade total de respostas em correspondência ou não com a GT, obtiveram-se os seguintes índices: 54% de não correspondência à GT e 46% de correspondência.

CONCLUSÃO

Um dos aspectos mais interessantes da análise foi perceber que o domínio da norma padrão não acompanha a intuição dos falantes diante das frases, o que só nos leva a crer que, se há domínio da regra das passivas sintéticas, ele é estritamente técnico e o critério utilizado, muitas vezes volúvel.

A língua é reflexo de nossos pensamentos e nossas interpretações, de tal forma que ela deve comungar com nossa expressão mais verdadeira. Se, outrora, como depreendemos de Said Ali e outros autores, a interpretação da estrutura era, de fato, passiva, ela se mostra como um recurso da língua válido e legítimo na medida em que ela corresponde às intenções expressivas do usuário da língua. O que não cabe é, na medida em que o tempo passa, e o falante passa a se valer de outros recursos ou mesmo passa a reinterpretar e ressignificar estruturas antigas, impormos como correta a utilização de uma estrutura que não mais reflete a interpretação atual dos falantes.

No que se refere à coerência interna entre um mesmo grupo de respostas, percebeu-se um aspecto em especial que pode vir a ser averiguado com mais profundidade em pesquisas futuras. Por exemplo, na análise das frases 2, 5 e 6 (“Podem-se ganhar muitos dólares”, “Aqui não se dão aulas” e “Contratam-se professores”), as duas primeiras tiveram como majoritárias as respostas NÃO OK, revelando estranhamento dos indivíduos a essas estruturas. A frase 6, no entanto, teve como maior índice de respostas a opção OK, o que parece sugerir que o traço [+animado] tenha alguma influência na percepção das frases, para além do aspecto sintático. O mesmo se percebe na frase 9 (“Esquecem-se cachorro e gato”) que, ao contrário das outras 2 frases de seu mesmo grupo de análise (“Respeita-se escritores e música brasileira” e “Revisa-se monografia e dissertações”), também foi marcada pela maioria como OK.

Houve incoerência também entre as frases 17 e 19 (“Não me importa suas queixas e lamentações” e “Faltam aos políticos compromisso e seriedade”), em que a primeira foi majoritariamente marcada como NÃO OK e a segunda como OK, sendo que ambas referem-se à mesma situação. Talvez, além do aspecto [+animado], a partícula “não” tenha influído nessa percepção.

Já entre as frases 3, 8, 10, 14, 20, 21 e 22, só não se observou coerência, em comparação ao todo, nas frases 20 e 21 (“Convidou-se uma ou outra pessoa” e “Escolhe-se lírios ou flores”). Mais uma vez, uma frase com traço [+animado].

Quanto às outras sentenças, observou-se a predileção pela forma não correspondente à concordância plural, ratificando então a hipótese defendida neste trabalho.

BIBLIOGRAFIA

ALI, Manoel Said. *Dificuldades da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1957/1966.

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso*. São Paulo: Parábola, 2007.

BECHARA, Evanildo. *Gramática escolar da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1ª ed., 6ª reimpr., 2006.

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa Gramática Portuguesa (revista e ampliada)*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 5ª ed., 2008.

MACIEL, Maximino de Araujo. *Grammatica descriptiva*. Rio de Janeiro: F. Alve, 5ª ed., 1914.

PERINI, Mário A. *Gramática Descritiva do Português*. São Paulo: Ática. São, 4ª ed., 2000.

SACCONI, Luiz Antonio. *Nossa Gramática Contemporânea: teoria e prática*. São Paulo: Escala Educacional, 2006.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. 2005. *Doa-se lindos filhotes de poodle: Variação Lingüística, Mídia e Preconceito*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

Sítios:

http://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:0vXvzpHzOg0J:scholar.google.com/+A+INTERPRETA%C3%87%C3%83O+PASSIVA+INDETERMINADA&hl=pt-BR&as_sdt=0,5

<http://www.simelp2009.uevora.pt/pdf/slg38/05.pdf>

http://www.revistaicarahy.uff.br/revista/html/numeros/2/dlingua/Alexsandra_Ferreira_da_Silva.pdf

http://www.abralin.org/abralin11_cdrom/artigos/Giovanna_Coan.PDF

<http://www.filologia.org.br/ixcnlf/17/01.htm>

www.simelp2009.uevora.pt/pdf/slg40/06.pdf